

---

**MEMES ANTIFEMINISTAS E CONSERVADORISMO EM REDE: UMA ANÁLISE DAS LEITURAS E ENQUADRAMENTOS DOS FEMININOS DESVIANTES**

---

**ANTI-FEMINIST MEMES AND CONSERVATISM ON THE NETWORK: AN ANALYSIS OF THE READINGS AND FRAMINGS OF DEVIANT FEMININES**

---

**MEMES ANTIFEMINISTAS Y CONSERVADORES EN LA RED: UN ANÁLISIS DE LAS LECTURAS Y ENCUADRES DE LAS MUJERES DESVIADAS**

---

Quésia Alves de Souza Sanches Domingues<sup>1</sup>  
Lucila Pesce<sup>2</sup>

**RESUMO**

O presente artigo caracteriza-se, metodologicamente, pela abordagem qualitativa, de natureza exploratória, consubstanciada pela análise de conteúdo. O objetivo geral consiste em examinar o conteúdo de memes antifeministas coletados no portal aberto do Facebook "Antifeminista" para compreender em que medida os sentidos socialmente apreendidos das representações do feminino feitas pelos ideais ligados ao conservadorismo hodierno apresentam potencial para capitanear possíveis propostas sociais de formação leitora crítica, no contexto da cultura digital, pensando em desconstruir estereótipos e leituras restritivas das existências femininas. O marco teórico ergue-se em meio aos seguintes campos conceituais: ciberespaço e cidadania (LÉVY, 2000); multiletramentos (KNOBEL e LANKSHEAR, 2007; ROJO e MOURA, 2012); formação leitora crítica (DEWEY, 1959; FREIRE, 1989); memes antifeministas (ANJOS, 2017; SABBATINI, 2020). O método de análise dos dados pautou-se no enquadramento das peças coletadas em uma matriz taxonômica adaptada da proposta de Chagas *et al.* (2017), construída para analisar memes políticos. Os achados da pesquisa revelam que o enunciador lança mão de uma gama diversa de estratégias linguísticas e discursivas, para persuadir e alimentar o repertório do leitor não crítico, com o objetivo de descredibilizar o movimento feminista e perpetuar relações de dominação de gênero. Assim, os resultados sugerem também que os memes analisados apresentam-se como importantes recursos para nortear propostas e práticas educativas de leitura, que constituam experiências de expansão da consciência e problematizem as enunciações opressivas que transitam nos espaços virtuais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ciberespaço. Multiletramentos. Formação leitora crítica. Memes antifeministas. Pesquisa exploratória.

---

**Submetido em:** 16/12/2022 – **Aceito em:** 18/03/2023 – **Publicado em:** 19/04/2024

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal de São Paulo e Professora de Língua Portuguesa da Secretaria Municipal de Educação da Prefeitura de São Paulo. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8738-848>. E-mail: [qdomingues@gmail.com](mailto:qdomingues@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Professora Associada do Departamento de Educação e Professora do Quadro Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-2562-2012>. E-mail: [lucila.pesce@unifesp.br](mailto:lucila.pesce@unifesp.br).

## ABSTRACT

This article is methodologically characterized by a qualitative approach, of exploratory nature, substantiated by content analysis. The general objective is to examine the content of antifeminist memes collected from the open Facebook portal "Antifeminist" to understand to what extent the meanings socially derived from the representations of the feminine made by ideals linked to conservatism today have the potential to captain on possible social proposals for critical reading training, in the context of digital culture, thinking about deconstructing stereotypes and restrictive readings of female existences. The theoretical framework rises amidst the following conceptual fields: cyberspace and citizenship (LÉVY, 2000); multiliteracies (KNOBEL and LANKSHEAR, 2007; ROJO and MOURA, 2012); critical reading training (DEWEY, 1959; FREIRE, 1989) and anti-feminist memes (ANJOS, 2017; SABBATINI, 2020). The data analysis method was based on the framing of the collected pieces in a taxonomic matrix adapted from the proposal of Chagas *et al.* (2017), built to analyze political memes. The findings reveal that the enunciator uses a diverse range of linguistic and discursive strategies to persuade and feed the repertoire of the non-critical reader, with the aim of discrediting the feminist movement and perpetuate relations of gender domination. Thus, the results also suggest that the analyzed memes present themselves as important resources to guide proposals and educational reading practices, which constitute experiences of expansion of consciousness and problematize the oppressive enunciations that transit in virtual spaces.

**KEYWORDS:**Cyberspace. Multiliteracies. Critical reading formation. Antifeminist memes. Exploratory research.

## RESUMEN

El presente artículo se caracteriza, metodológicamente, por el enfoque cualitativo, de carácter exploratorio, fundamentado en el análisis de contenido. El objetivo general consiste en examinar el contenido de los memes antifeministas recogidos en el portal de Facebook "Antifeminista" para entender si los significados inferidos socialmente de las representaciones de lo femenino realizadas por ideales vinculados al conservadurismo actual tienen potencial para conducir propuestas sociales de formación de lecturas críticas, en el contexto de la cultura digital, pensando en las lecturas restrictivas de las existencias femeninas. El marco teórico se construye sobre los siguientes campos conceptuales: ciberespacio y ciudadanía (LÉVY, 2000); multialfabetización (KNOBEL y LANKSHEAR, 2007; ROJO y MOURA, 2012); educación lectora crítica (DEWEY, 1959; FREIRE, 1989); memes antifeministas (ANJOS, 2017; SABBATINI, 2020). El método de análisis de datos se basó en el encuadre de las piezas colectadas en una matriz taxonómica adaptada de la propuesta de Chagas *et al.* (2017), para analizar memes políticos. Los resultados revelan que el enunciador hace uso de una gama de estrategias lingüísticas y discursivas para persuadir y alimentar el repertorio del lector no crítico, con el objetivo de desacreditar el movimiento feminista y perpetuar las relaciones de dominación de género. También sugieren que los memes analizados se presentan como importantes recursos para orientar prácticas educativas de lectura, que constituyen experiencias de expansión de conciencia y problematizan las enunciaciones opresivas que transitan en los espacios virtuales.

**PALABRAS CLAVE:**Ciberespacio. Multialfabetizaciones. Formación en lectura crítica. Memes antifeministas. Investigación exploratoria.

## INTRODUÇÃO

A proposta de educar afiliada a um processo de formação ética, iluminada pelo respeito e pela justiça, não deve furtar-se à abordagem das temáticas identidade, diversidade, desigualdade e diferenças, sob pena de invisibilizar as formas opressivas como os preconceitos e discriminações produzidos social e historicamente se engendram no espectro das relações

sociais, em um jogo de luz e sombras que atravessa as diferentes esferas da vida coletiva, fazendo perpetuar as profundas contradições que marcam a sociedade brasileira.

Freire (2001, p. 260), ao afirmar ao afirmar que “estudar é, em primeiro lugar, um que-fazer crítico, criador, recriador”, indica o mérito do raciocínio crítico como um elemento potencial para ancorar a aprendizagem, cuja efetivação depende do estabelecimento de um continuum entre os saberes discentes e a proposição dos conhecimentos considerados relevantes para sua formação. A escola não deve, por isso, opor o conhecimento sistematizado e a prática social, sob pena de impor a experiência escolar como superior, menosprezando o que o autor (*ibid.*) denomina como “experiência sensorial”, constituída pelo repertório de conhecimentos advindos do cotidiano, da educação informal, que se concretizam na existência do indivíduo, no tempo presente.

Na atualidade, o contexto das aceleradas transformações sociais e culturais proporcionadas pelos dispositivos tecnológicos, institui constantemente novas práticas sociais de linguagem e de leitura, principalmente por meio das redes sociais, tornando fundamental que a escola oportunize ambiências reflexivas ou mesmo práticas reflexivas referentes às potencialidades da experiência leitora crítica a on-line, tomando em conta as configurações textuais que transitam nesses ambientes de comunicação.

Compreende-se, assim, como demanda da escola não só a abordagem crítica das novas práticas de linguagem para fazer o uso produtivo e ético das TDIC, mas similarmente, para responder às novas demandas sociais que abrangem essas práxis, como, de acordo com a BNCC (BRASIL, 2017) “saber reconhecer os discursos de ódio, refletir sobre os limites entre liberdade de expressão e ataque à direitos, aprender a debater ideias considerando posições e argumentos contrários [...]” (*ibid.* p. 69), entre outras competências relevantes para exercer a cidadania em uma conjuntura política tão sombria.

Nesse enquadramento, o gênero textual meme ganha destaque como uma prática comunicativa em efervescência no cotidiano do alunado, que, no atual momento histórico, marcado pela polarização política no Brasil, materializa narrativas reacionárias, inclusas as antifeministas, cujas intenções comunicativas precisam ser questionadas pela ação educativa, em busca de explorar as práticas do ler para gerar consciência, atitudes, valores e consequentemente transformação social, por meio da desconstrução de estereótipos que visam a reproduzir um padrão de opressão para manter os mecanismos de dominação.

Se no dia a dia as narrativas meméticas são leituras breves e intermediadoras do riso fácil, amplamente mobilizadas nas conversações que estudantes empreendem nos territórios virtuais, na rotina escolar pouco espaço é oferecido a tais veículos comunicativos, tidos apenas como recurso de entretenimento. Nesse ínterim, os memes transportam discursos que levam a intolerância à condição de senso comum, naturalizando estereótipos, delineando e fortalecendo identidades e senso de pertencimento potenciais para sobrepor-se às minorias.

Neste artigo apresentaremos uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório que investigou o conteúdo de memes antifeministas da página aberta do Facebook “Antifeminista” para

compreender o potencial de seu emprego como proposta social de formação leitora crítica, norteadas pelos ideais da pedagogia dos multiletramentos, com vistas ao desenvolvimento do pensamento reflexivo dos sujeitos de aprendizagem, a partir dos anos finais do Ensino Fundamental.

Na primeira parte do artigo, é apresentado o quadro teórico de referência, seguido dos aportes metodológicos. Posteriormente, a análise dos dados, a discussão dos resultados e, por fim, são feitas as considerações finais, com abertura a outros recomeços.

## QUADRO TEÓRICO DE REFERÊNCIA

O quadro teórico de referência ergue-se com base nos seguintes eixos: ciberespaço e cidadania (BRUNO e PESCE, 2012; LÉVY, 2010); multiletramentos (KLEIMAN, 2014; ROJO e MOURA, 2012); formação leitora crítica (DEWEY, 1959; FREIRE, 1989); memes antifeministas (ALVES *et al.*, 2020; CHAGAS *et al.* 2017; SHIFMAN, 2013). Inicialmente, argumenta-se a favor de uma práxis educativa cidadã, comprometida com o desenvolvimento do pensamento reflexivo, base essencial para promover uma formação cada vez mais agudizada de sujeitos críticos, capazes para lidar com as demandas de um mundo de conexões universalizadas, onde se institui uma sociedade progressivamente mais cosmopolita, globalizada e interconectada. Para tanto, apresenta-se a importância de instituir práticas pedagógicas atinentes às experiências discentes, de modo que sujeito e realidade pessoal/social interajam e se modifiquem mutuamente, gerando aprendizagens em constante reconstrução.

Em função disso, tais necessidades são postas em diálogo com a proposta da pedagogia dos multiletramentos, sublinhando o mérito de novas abordagens de práticas de ensino da leitura no contexto da cultura digital, diante da multiplicidade semiótica e cultural que estrutura as ações comunicativas em performance nos ambientes digitais. Nesse enquadramento, apresenta-se o gênero textual meme como uma prática comunicativa em efervescência no cotidiano do alunado, que, no atual momento histórico, marcado pela polarização política no Brasil, materializa narrativas reacionárias, inclusas as antifeministas, cujas intenções comunicativas precisam ser questionadas pela ação educativa, em busca de explorar as práticas do ler para gerar consciência, atitudes, valores e consequentemente transformação social.

### *Ciberespaço e cidadania: o papel dos multiletramentos na formação leitora crítica*

Dewey (1959; 1976) atesta a necessidade de que o projeto de educação formal fomente estímulo das competências ligadas às utilidades sociais, de modo a não perder de vista a dimensão holística da formação para a plena integração do educando em um grupo social específico, onde encontrará o seu lugar no mundo. O impacto dessa proposta humanista e libertadora de educar está intimamente ligado à proposição de um saber-fazer experiencial, concreto e deliberado em um fazer pedagógico que dialogue com as anterioridades discentes, em busca de legitimá-las como um meio para tornar os estudantes como coprodutores de seu próprio processo de ensino,

condição capaz de ampliar as habilidades de avaliação e condução inteligente dos novos desafios, preparando-os para capitanear suas escolhas.

Um que-fazer pedagógico voltado à conscientização dos sujeitos sobre a necessidade de questionar a realidade em busca dos modos alterá-la, perpassa o levantamento de hipóteses, verificação de evidências e consideração das possibilidades de resolução dos problemas da vida real. Essa liberdade genuína, em Dewey (1959), é concebida no plano intelectual, a partir da possibilidade que o sujeito tem de, por meio do domínio da consciência, analisar as circunstâncias que delinham sua relação com o mundo, para interferir nelas com responsabilidade pessoal e política. Nesse cenário, resguardar e prover as condições das quais o sujeito necessita para transitar da mera observação descomprometida dos fatos em direção ao tratamento da realidade pela esfera intelectual, é tarefa do agir educativo.

Hoje em dia, tais questões articulam-se intimamente às práticas sociais veiculadas no híbrido entre espaço físico e ciberespaço. Diante disso, urge considerar a importância da educação escolar, no processo de aprendizagem que se vale, em alguma medida, das práticas sociais imanentes ao ciberespaço.

Ser cidadão no século XXI é desenvolver habilidades para uma prática comunicativa pluridirecional e consciente, a fim de estar preparado para selecionar os diálogos dos quais vale a participar, e por conseguinte, consubstanciar a compreensão da realidade ao seu entorno, adensando o próprio domínio cognitivo. Um grande desafio nessas circunstâncias é pensar sobre uma alfabetização pela perspectiva da inteligência coletiva, elaborada a partir das capacidades de “[...] estabelecer prioridades, de selecionar fontes, de filtrar a informação em função de sua qualidade, de categorizar e de classificar os dados, de sintetizar e de colocar em perspectiva as informações brutas e de dialogar de um modo civilizado” (LÉVY, 2000, p. 33).

Em face a essa realidade, Bruno e Pesce (2012) sublinham a necessidade de deslocar o olhar da mera fluência tecnológica e direcioná-lo à compreensão das TDIC como artefatos culturais que não apenas oportunizam o acesso à informação, mas viabilizam a produção de cultura e de conhecimento, com base nas possibilidades diversas de produzir sentidos e interpretar a realidade, aprendizagens latentes para impactar a dimensão individual e coletiva, bem como favorecer o exercício da cidadania.

O conceito de aprendizagem profícua nos ambientes virtuais estruturados pela hipertextualidade, pode ser traduzido com mais clareza a partir de concepções como “mediação partilhada” (BRUNO, 2007) e “dialogia digital” (PESCE, 2012). A primeira emerge da percepção de que o contexto de formação pedagógica é marcado pela atividade, dinamicidade e interação entre os sujeitos sociais envolvidos no processo de ensino/aprendizagem, portanto construído a partir da proposta de coautoria entre educadores e educandos. Diante disso, fomenta-se a promoção do aprender para mobilizar as “[...] capacidades cognitivas e afetivas para compreender, controlar e decidir sua aprendizagem [...] toma consciência do seu próprio processo de cognição e torna-se capaz de identificar as estratégias utilizadas para aprender, assume a autorregulação da aprendizagem” (ROMANOWSKI, 2006 *apud* BRUNO e PESCE, 2012, p. 695).

Já as asserções fundamentadas no conceito de dialogia digital, em Pesce (2012), recuperam e aglutinam a essência do dialogismo bakhtiniano e da interação dialógica freiriana, trazendo luz à representatividade da educação emancipadora, que se vale da construção do conhecimento regulada pela interface entre o individual e o coletivo, considerando os interesses/vivências discentes como base para conceber situações de aprendizagem problematizadoras, a partir do universo digital.

Para Rojo e Moura, (2012, p.19), esse contexto desafia a escola a se debruçar sobre um fazer pedagógico comprometido com a formação para a leitura e a interpretação dos gêneros textuais que circulam na web, pois “em plena cultura das mídias, não somente os meios, mas também as mensagens se alteraram”, tornando indispensável a abordagem de novas práticas de letramento que viabilizem ao ocupação e o trânsito dos sujeitos entre comunidades de práticas sociais de maneira produtiva, autônoma e de forma crítico-reflexiva. Ler criticamente, nessa perspectiva, constitui uma condição fundamental para que o sujeito questione a confiabilidade das informações, identifique a possível manipulação de posicionamentos, de fatos, do fenômeno da pós-verdade e do efeito bolha, tornando possível o envolvimento em um debate de ideias construtivo e ético no contato com as práticas que movimentam as redes sociais..

Sob essa ótica, infere-se que os novos tempos e espaços demarcadores de um agir comunicativo plural, que ganha cada vez mais espaço nas redes de relacionamento on-line, refletem os novos modos de construir saberes e aprendizagens, interativos, colaborativos e descentralizados, tornando necessário o rompimento do paradigma do ensino tradicional e lançando o olhar para as práticas sociais de leitura que compreendam os multiletramentos. Estão postos em panorama os desafios da efetivação de um letramento que se configura em uma nova perspectiva de texto, direcionado a um novo tipo de leitor/consumidor/produtor, contexto em que a tecnologia ocupa um papel importante, não com finalidade instrumental, mas como meio que provê recursos para a participação social em rede no mundo contemporâneo.

Assim, novos e múltiplos letramentos são indispensáveis para que o cidadão/estudante inserido na sociedade da comunicação e informação sobreviva, acompanhe as constantes mudanças, e desfrute das vantagens que as práticas letradas, consideradas por ele significativas, podem assegurar para sua vida social. Nesse sentido, a leitura, a interpretação e o posicionamento frente aos sentidos dos textos que agregam diferentes sistemas semióticos, assumem ampla expressividade no mundo moderno, no qual “o letramento torna-se um vetor para a constituição de um sujeito livre, capaz de contribuir para as mudanças sociais” (KLEIMAN, 2014, p. 89). Dessa forma, a ampliação da percepção do texto como um universo de valores, objeto de significações históricas que necessitam ser consideradas para a compreensão da relação emissor/receptor, intencionalidade e valor argumentativo devem ser incumbência da educação formal.

Não há como negar que o mundo mudou e a escola não pode furtar-se dessa realidade, posicionando-se como desligada das evoluções sociais. A pedagogia dos multiletramentos assume uma relevância indiscutível na era digital e é necessária para dar aos sujeitos a oportunidade de tomar parte na era da produção e compartilhamento de seus discursos,

inclusive para que os desfavorecidos socialmente possam ganhar voz para denunciar as opressões a que são submetidos.

*Os memes na cultura digital: funções e estratégias*

Os atributos únicos da Internet transformaram a difusão dos memes em uma rotina onipresente e altamente visível da cultura popular nas redes (SHIFMAN, 2013). Por isso, entende-se que a cultura dos memes extrapola os limites da função ingênua que lhe é atribuída, pautada na mobilização de uma piada que serve à descontração de um leitor atribulado pela rotina estressante. Mais do que isso, o meme é um recurso valioso na expressão das complexidades da comunicação entre “eu” e o “mundo”, capturando o sentimento do momento e condensando as diferentes, porém complementares, vontades do sujeito interlocutor: a de pertencer – para estar em um grupo –, a de entender – para explicar o mundo – e a de se expressar-se – para falar ao mundo (CONSUMOTECA, 2019).

Para magnetizar as audiências, a arquitetura linguística do memes estrutura-se por multimodalidades e multissmiotização, de modo a correlacionar enunciados verbais e visuais justapostos, que associam o tom objetivo, a precisão vocabular e a escrita concisa propostos pela materialidade verbal, aos recursos imagéticos – estáticos ou em movimento – a partir de ferramentas dinamizadoras da comunicação como cores, mecanismos sonoros e imagens remixadas, viabilizadas, muitas vezes, por softwares de edição de imagem, visando maximizar as significações (ALVES *et al.*, 2020).

É estratégico também o uso que se faz de elementos humorísticos de natureza peculiar, excêntrica, parodística e/ou irônica e da intertextualidade inteligente, que traz referências cruzadas a outros memes e aos mais diferentes eventos/fenômenos, signos ou práticas culturais (LANKSHEAR e KNOBEL, 2006). Da mesma forma, o emprego criativo de “frases-chave”, bordões apelativos, paráfrases e gírias (ALVES *et al.*, 2020; KNOBEL e LANKSHEAR, 2007; SHIFMAN, 2013), constrói essas unidades de sentido própria em si, que carecem uma decodificação coerente para tonificar o processo proficiente de significação leitora.

Despojados dos conhecimentos referenciais que essas performances discursivas acolhem, os sujeitos leitores não decifram seus elementos implícitos, o que torna tais significados acessíveis apenas para o núcleo das comunidades criadoras de repertórios próprios. Esses entraves embaraçam a leitura crítica e, conseqüentemente, fortalecem comunidades identitárias constituídas por articuladores discursivos que manejam as artimanhas das lutas hegemônicas no âmago da disputa comunicativa dos conflitos políticos – de diferentes naturezas – que atravessam as redes sociais digitais.

Nessa lógica, constata-se que a exploração analítica do conteúdo propagado pelo gênero em questão é uma demanda urgente para entender as novas necessidades de formação leitora impostas pelas novas formas de comunicação on-line, uma vez que chama a atenção o mérito da conversação informal nas experiências de letramento político do cidadão comum (CHAGAS *et al.*, 2017), eivadas pela perpetuação dos discursos de dominação que subjazem às relações sociais.

Compreende-se, portanto, que se “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989), faz-se primordial que a atividade educativa contemporânea coloque em tela os fenômenos da narratividade digital que atravessam e são atravessados pelo atual momento sócio-histórico, sublinhado pela polarização política, no contexto do governo de Jair Bolsonaro – momento também de uma nova corrida eleitoral – para compreender a representatividade dos memes como ações discursivas que trabalham a favor do abafamento das vozes minoritárias, marginalizando-as pela força da imposição (POPOLIN, 2019), para pensar ações educativas capazes de neutralizar a agenda da desinformação e dos discursos de ódio.

Considera-se que, por sua capacidade de condensar e reportar as temáticas e discursos em efervescência social, sugestionando formas de ser, visões de mundo e perpetuação de discursos à medida que são replicados, o gênero meme parece viabilizar a problematização dos sentidos dos processos comunicativos instantâneos que ocorrem nos territórios virtuais, para empreender a análise reflexiva sobre como se estruturam as relações sociais e de poder, para assim, nortear uma proposta de desconstrução de estereótipos opressivos. Nesse sentido, sua utilização no ambiente formal de ensino como um instrumento educacional, apresenta possibilidades de fomentar o empoderamento dos sujeitos sociais “para procederem a uma leitura crítica das suas circunstâncias e, na medida do possível, transformarem suas realidades em outras situações” (FERREIRA e PESCE, 2019, p. 137).

### *Memes antifeministas e backlash: o pânico moral em rede*

Frente à oportunidade de diálogo que o ciberespaço oferece para que o ativismo da causa feminina projete sua voz, apresentam-se obstruções e estorvos, pois tal qual no espaço físico, a luta pela legitimação das representações próprias das coisas e do mundo empreendidas pela mulher desperta reações arreadas, consubstanciadas pelas performances discursivas dos interlocutores fundamentalistas que primam pela preservação, do que chamam de “moral e bons costumes”. Para capitanear uma agenda regulatória e padronizada dos significados “ser mulher”, os defensores da “verdade” sentem-se autorizados a manejar uma artilharia pesada, a fim de alvejar os sujeitos subversivos que ousam resistir ao *status quo*.

Para Sabbatini (2020), a narrativa antifeminista ascendeu vertiginosamente no Brasil a partir de dispositivos digitais como o WhatsApp, durante o período eleitoral brasileiro de 2018, desempenhando um papel vital na fabricação da esfera de desconfiança que marcou a corrida eleitoral em questão. Acionando um conjunto de regras e prescrições culturais conspiratórias, propagou-se um terror infundado, por meio da demonização de inimigos perversos à espreita, categorizados dicotomicamente como atores em nome do mau, que articulavam um grande levante combativo de ordem moral e espiritual (*ibid.*, p. 9). Como única saída possível para salvar a pátria de ameaças impostas pela ditadura feminista, cujas representantes maléficas foram retratadas de forma absurdamente caricata, apresentou-se o então candidato à presidência Jair Bolsonaro, que rapidamente se constituiu como o protótipo do herói e salvador da pátria, personificando a figura de mito (CHAGAS, 2021; SABBATINI, 2020).

O perfil dos atores sociais que se engajam nas cenas discursivas diligenciadoras dos cânones patriarcais são radicais que buscam validar e disseminar uma agenda de costumes proclamada pela extrema direita (ANJOS, 2017; MARTINS *et al.*, 2021; SANTOS e KUBO, 2018), anunciando os valores conservadores em rede como único caminho possível para assegurar a moral da família brasileira (POPOLIN, 2020), que estaria em vias de sofrer uma derrocada sem precedentes. Como solução, propõem-se as interdições identitárias e o cerceamento de liberdades, por meio de atitudes discriminatórias atravessadas por “discursos religiosos voltados ao cristianismo; narrativas falaciosas de uma suposta ameaça à família e às crianças, que estariam vulneráveis ao aborto e à “ideologia de gênero” (SABBATINI, 2020, p. 2).

Negando os repertórios que conceituam os preceitos feministas na condição de movimento político de luta das mulheres por equidade, distorcem-se seus fundamentos e princípios básicos, com vistas à modulação de um discurso reacionário concretizado pela mobilização de uma narrativa antifeminista, que toma o *backlash* como estratégia, ação reativa e coercitiva que tem como objetivo perpetuar o poder de um grupo social para a manutenção do *status quo* (SABBATINI, 2020).

O *backlash* configura-se como uma ofensiva ideológica contra o feminismo para avalizar a manutenção das relações de controle de comportamentos que atendam às necessidades da hegemonia, ditadora dos significados de “ser feminina” e “ser mulher” nas sociedades ocidentais contemporâneas, cujas representações evidenciam “negociações identitárias que obrigatoriamente devem convergir para representações que não colidam e não desestabilizem o ordenamento social” (SOUZA, 2017, p. 77).

Como estratégia para borrar a visibilidade das compreensões da audiência sobre o papel fulcral que assume a atividade *backlash*, os detentores do poder ensejam deturpar os ideais da corrente feminista, enquadrando-a como um projeto inimigo das mulheres, em busca de recrutar sujeitos que advoguem contra a causa própria. Para tanto, o refluxo antifeminista coloca os significados do movimento político-social em disputas constantes na esfera do senso comum, subvertendo seus sentidos por meio da simplificação de termos e conceitos, negando seu caráter plural e reduzindo as feministas a uma totalidade estandardizada, manipulada, desviante e que urge ser interrompida (SABBATINI, 2020).

Em vista disso, examinar o conteúdo das narrativas meméticas antifeministas que são veiculadas no ciberespaço é, a princípio, uma tentativa de entender a realidade social para perceber as formas como a misoginia e o machismo ainda subsistem socialmente, atualizando-se através de novas táticas e artimanhas, em um contexto sociohistórico no qual a pauta moral da direita trouxe retrocessos sociais notáveis, tendo em conta que “as desigualdades de gênero são minimizadas pelo atual poder federal” (COSTA *et al.*, 2021, p. 161).

Retomamos a importância de se debruçar sobre a função social dos memes, portadores dos discursos de tal natureza, para que os atores da cena educacional considerem utilizá-los como recursos didáticos que subsidiem os alunos a lidar criticamente com as investidas comunicativas do grupo dominante, que trabalha fortemente para manipular as massas, por



meio de engodos e estratagemas que anestesiavam e invisibilizam as demandas femininas, de modo a perpetuar o lugar do pensamento hegemônico na roda viva do poder.

## CENAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

O presente artigo emana de uma pesquisa desenvolvida em nível de mestrado acadêmico em educação, em uma universidade pública federal. Vale-se da abordagem metodológica de natureza qualitativa (BOGDAN e BIKLEN, 1994; PESCE e ABREU, 2012), de cunho exploratório, visto que pretende tecer maiores aproximações com o problema para evidenciá-lo ou ainda suscitar a descoberta de intuições do pesquisador em relação a uma situação ou fenômeno (GIL, 2002). Na circunstância da presente investigação, considera-se relevante a aproximação dos memes antifeministas para entender em que medida esses arranjos textuais estão inscritos como narrativas preconceituosas e opressoras que podem servir, posteriormente, para compor desenhos didáticos engajados na formação de leitores perscrutadores, utilizando-se das experiências de sua realidade social para efetivar a educação cidadã na era digital. O método de tratamento e análise das informações concretiza-se na análise de conteúdo, cujo objetivo é a compreensão crítica dos sentidos das comunicações estabelecidas pelo conteúdo da mensagem, que revelam características sobre a conduta humana (CHIZZOTTI, 1998).

Neste artigo apresentamos o percurso analítico de uma amostra de dois memes – um que performa a função social de debate público e o outro de natureza persuasiva –, extraídos de uma pesquisa maior em andamento, coletados na página aberta “Antifeminismo”, da rede social Facebook, que performaram maior engajamento com o público-alvo a partir de 01/01/2022, quando a corrida eleitoral articula-se ao último ano de mandato do Presidente Jair Bolsonaro, governo em que os memes fortaleceram-se como poderosos fenômenos de expressão coletiva para mobilizar a direita on-line e fomentar os discursos de silenciamento e “eliminação dos que são considerados adversários” (POPOLIN, 2019, p.13).

Preliminarmente, o recorte do conteúdo valeu-se dos resultados apresentados pelo filtro de busca que compõem a página, a partir das palavras-chave definidas em função de representarem ideias conectadas ao objeto de pesquisa da presente investigação. Posteriormente, as unidades coletadas foram agrupadas pelos eixos temáticos “o ideal do feminino”, “posicionamentos sobre o movimento feminista” e “o imaginário social sobre a masculinidade”.

Uma matriz taxonômica adaptada da proposta Chagas *et al.* (2017), com base principalmente nos estudos de Shifman (2014), que compreendem os memes como um conjunto semântico, analisado a partir da função que performam socialmente e do posicionamento político que assumem os seus autores/difusores, serviu como enquadramento analítico para o produto do presente *corpus*.

**Quadro 1.** Classificação das variáveis de conteúdo dos memes

<b>CATEGORIA 1 – FUNÇÕES SOCIAIS DOS MEMES</b>
<b>MEMES DE DISCUSSÃO PÚBLICA</b>
São aqueles que se apresentam como comentários ou fluxos de conversação nas mídias sociais. Geralmente identificados como piadas ou manifestações espirituosas, dão vazão a uma multiplicidade de opiniões e vozes em meio ao debate público. Esse gênero de memes faz comumente alusão à enredos ou personagens da cultura popular ou do entretenimento de massa.
<b>SUBCATEGORIAS</b>
<b>Memes que fazem referência a lugares-comuns da política</b> são piadas cuja comicidade evoca do exercício do feminismo, a partir de metáforas como a guerra, a luta a favor do comunismo, a tradução de toda e qualquer feminista como uma ameaça à ordem moral, entre outros aspectos.
<b>Memes que fazem referência à literatura ou a manifestações culturais</b> apresentam menções aos produtos culturais, como seriados de televisão, filmes, livros ou canções populares, ou ainda à cultura popular de modo geral, sem a intenção de expressar apoio ou ataque político, mas de provocar o riso a partir da intertextualidade.
<b>Memes que fazem referência às piadas sobre personagens feministas</b> apresentam comentários e paródias sobre figuras públicas e personagens da cena política, com a intenção de dessacralizá-los, deslocando-os da posição que ocupam.
<b>MEMES PERSUASIVOS</b>
São aqueles estrategicamente construídos para serem difundidos, com o objetivo de defender o posicionamento do enunciador acerca do lugar social da mulher ou de difamar propostas contrárias.
<b>SUBCATEGORIAS</b>
<b>Memes de retórica propositiva e/ou apelo pragmático</b> sustentam ou fazem referência aos projetos do antifeminismo, salientando as implicações que envolvem a não aderência a tal proposta.
<b>Memes de retórica sedutora, ameaçadora e/ou apelo emocional</b> realçam subjetividades e perspectivas de caráter passional, destacando personagens cativantes ou renegadas. Retratam a mulher como “sábia” e/ou “virtuosa”, apresentam-na ao lado de marido e/filhos, destacam afetos e sentimentos como segurança, conforto e esperança. O contrário também é possível, apresentando-a como um modelo do que “não ser”.
<b>Memes de retórica ético-moral e/ou apelo ideológico</b> investem em denúncias de escândalos, fazem críticas ao feminismo como um agente responsável pela corrupção da moral e dos bons costumes ou advertem ao risco de desmantelamento da família conservadora brasileira.

Fonte: CHAGAS (2018, p. 5-9) – adaptado pela primeira autora.

O percurso analítico abarca ainda mais uma categorização, que intenta mensurar aspectos relativos ao posicionamento político empreendido pelo enunciador dos memes, por meio da exploração da relação entre humor e antifeminismo, do tipo de experiência leitora que o texto propõe – inscrito em uma agenda positiva ou negativa – e do efeito que os memes assumem socialmente. Nesse espectro, apresenta-se também o apontamento dos temas abordados pelas narrativas meméticas. Visto que em Chagas (2018) essa subcategorização refere-se exclusivamente às temáticas que dizem respeito às propostas políticas dos candidatos à (re)eleição, esse trabalho optou por lançar mão do Dicionário crítico do feminismo (HIRATA *et al.*, 2009) para se utilizar de alguns dos termos/conceitos elencados pela obra como tópicos elementares advindos das instâncias de intervenção das lutas feministas, pensando em subsidiar o processo de análise dos dados, a partir de um campo lexical relacionado ao debate público em que estão inscritos.

**Quadro 2.** Classificação do teor narrativo, agenda, temática e posição política dos memes

<b>CATEGORIA 2 - VARIÁVEIS DE POSICIONAMENTO POLÍTICO</b>
<b>SUBCATEGORIA 1 - NARRATIVA E AGENDA POLÍTICAS</b>
<p><b>Relação entre humor e feminismo:</b> memes cujo conteúdo em tela evidencia algum tipo de humor específico em relação ao feminismo, a partir de superioridade, alívio ou incongruência.</p> <p><b>Narrativa da ação política:</b> tipo de experiência leitora política que o conteúdo do meme reflete ou incentiva, como uma narrativa pessoal/privada ou coletiva/pública.</p> <p><b>Agenda política:</b> indicação do estímulo que o conteúdo do meme oferece, podendo ser uma agenda positiva, que destaca a liberdade de autodeterminação dos indivíduos, ou negativa, que critica abusos e desvios morais.</p>
<b>SUBCATEGORIA 2 – EFEITO PRETENDIDO PELA A MENSAGEM DO CONTEÚDO</b>
<p><b>Explicativo ou informativo:</b> intervenção que busca instigar o leitor a compreender um conceito ou uma realidade, com o objetivo de esclarecer questões ou posicionamentos sobre o feminismo.</p> <p><b>Satírico:</b> intervenção que ridiculariza as feministas para provocar/evitar a consciência crítica e a transformação social, geralmente fazendo uso da ironia e/ou do cinismo.</p>
<b>SUBCATEGORIA 3 – TEMAS RELACIONADOS AO DEBATE PÚBLICO</b>
<p>Enquadramento do conteúdo do meme pela menção explícita ou implícita, verbal ou não, aos temas abaixo, verbetes constantes em Hirata <i>et al.</i>, (2009).</p> <p>Aborto e contracepção/Assédio sexual/ Categorias socioprofissionais/ Cidadania/Desemprego/ Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo/ Dominação/ Educação e socialização/ Emprego/ Família/ Feminilidade, masculinidade, virilidade/ Igualdade/ Lesbianismo/ Maternidade/ Movimentos feministas/ Patriarcado// Poder(es)/ Políticas sociais e familiares/ Prostituição/ Público/privado/ Religiões/ Sexualidade/ Trabalho doméstico/ Violências.</p>

Fonte: CHAGAS (2018, p. 10-11) – adaptado pela primeira autora.

*Depreensões teórico-analíticas*

A seguir, apresenta-se a análise de conteúdo dos textos, pautada nas instâncias a saber: *a)* a função social do meme<sup>3</sup>, *b)* o conteúdo temático e natureza referencial/ retórica, *c)* a relação entre o humor e o conteúdo do texto, *d)* a experiência leitora provocada pela narrativa e agenda política, *e)* o macroefeito que a comunicação pretende provocar no tecido social.

<sup>3</sup> O meme é um gênero comunicativo próprio do ambiente digital, que no plano formal materializa-se por uma imagem e/ou legenda, um vídeo viral, um clichê cômico, ou uma animação excêntrica que dialoga com referências da cultura pop, com produtos midiáticos, ou ainda com acontecimentos recentes, veiculados pelo noticiário. Devido ao conteúdo efêmero e à mobilização do tom humorístico ou/e satírico que assume no campo discursivo, essa estrutura retórica reducionista, típica do universo das coletividades on-line, apesar de recorrentemente avaliada como produto cultural fútil, corporifica narrativas, cujo enredo acompanha as representações que seus personagens fazem da realidade política, cultural e social.

**Imagem 1.** Meme sobre “Poder(es)

Fonte: Portal Antifeminista – Disponível em: <<https://www.facebook.com/ANTIFEMINIS/photos/a.111073300756131/553517843178339/>>. Acesso em: 14 de jul de 2022.

**Tabela 1.** Dados da publicação /categorização

Categorização temática: “posicionamentos sobre o movimento feminista”	
Data da publicação: 05/07/2022	
Palavra-chave para coleta: feminismo	
Função social: meme de discussão pública	
Curtidas	2,7 mil
Comentários	301 mil
Compartilhamentos	1 mil

O meme acima é composto por uma imagem principal, obtida por meio da captura de tela, e por legendas sobrepostas, superior e inferior, apresentadas em fonte branca e letras maiúsculas com bordas pretas, que chamam a atenção frente aos tons escurecidos da materialidade imagética. Aludindo a um produto cultural proveniente do entretenimento de massa, a narrativa apresenta como enunciador a personagem Tony Stark, alter ego do Homem de Ferro, um personagem protótipo de masculinidade, que há tempos povoa o imaginário social como um herói que luta pela paz mundial, ordem e justiça.

Esse meme, cujo estilo é um dos mais populares, comunica uma resposta passivo-agressiva e desrespeitosa do enunciador, representado por uma personagem da cultura popular, frente a um contexto considerado por ele indesejável: os discursos e ações políticas que abordam o empoderamento feminino. Esse meme pode ser considerado como um repertório de discussão pública, pois representa uma corrente de conversação promulgada pelos conservadores, configurada por um pronunciamento chistoso, que advoga em favor de desacreditar e, conseqüentemente, mitigar a luta pela revisão, reestruturação e constituição de novas simetrias nas relações de poder entre gêneros, mais conciliáveis com os princípios das declarações de direitos.

Os sentidos do humor irônico acionado no texto retratam a ação política em questão como uma proposta inconciliável com a racionalidade, por isso, digna de refutação ou indiferença, configurando a leitura do texto como uma experiência que incentiva o organismo social coletivo a asfixiar as demandas sociais minoritárias, de modo a não perturbar as hierarquias que vigoram para estabelecer o poder como potência, que para os homens, supõe posse, dinâmica da qual “as mulheres são excluídas pelo princípio de sujeição que as liga a seus maridos” (RIOT-SARCEY, 2009, p. 184).

Percebe-se que a enunciação anima uma agenda de mediação político-social inventariada no refreamento das pautas que tratam da equidade de gênero, buscando postergar e mesmo invalidar a liberdade e a autonomia de diligência feminina, inclusive no campo discursivo, em um contexto no qual “o poder de dizer eu é também uma luta contra as formas de sujeição – contra a submissão da subjetividade – de que as mulheres são especialmente vítimas. Alcançar o estatuto de sujeito livre faz parte da aprendizagem do poder, no respeito por si e pelo outro (*ibid.*, 2009, p. 187).

Nesse sentido, é possível constatar que a narrativa trata o discurso do empoderamento feminino como um requerimento sem fundamentação, manipulando as audiências acríticas para aderirem à convicção de que essa hipotética demanda nada mais é do que resultado de uma tendência das mulheres a alimentarem ruminatórias e rancores (ANJOS, 2017), ou em uma leitura mais mordaz, um projeto que visa extrair “o poder de um para dar a outro, a ponto de se inverter os polos de opressão (BERTH, 2019, p.19). Dessa forma, intenta-se refrear possíveis posturas de resistência e enfrentamento do androcentrismo, que lutam para extirpar as injustiças e autorizar existências equânimes em sociedade.

**Imagem 2.** Meme sobre “Família” e Sexualidade”**Tabela 2.** Dados da publicação/categorização

Categorização temática: “o ideal do feminino”	
Data da publicação: 17/02/2022	
Palavra-chave para coleta: homem	
Função social: meme persuasivo	
Curtidas	13 mil
Comentários	2,4 mil
Compartilhamentos	9,3 mil

Fonte: Portal Antifeminista – Disponível em: <<https://www.facebook.com/ANTIFEMINIS/photos/a.111073300756131/463905222139602/>>. Acesso em: 14 de jul de 2022.

A publicação do meme acima veio acompanhada de uma advertência que chama a atenção do leitor para a proximidade temporal com que avançam os perigos que as liberdades individuais e sociais representam para a família conservadora brasileira: “Não está muito longe...”. Na narrativa, as personagens que constituem vivências homoafetivas expressam aversão à família tomada como “normal” pela sociedade patriarcal, graduada pelo pai, o filho mais velho – um menino –, e uma mãe que espera pelo(a) próximo(a) membro da família. Tais integrantes, cujas expressões faciais afiguram um ar angelical e pacífico, enquadram-se no padrão heteronormativo, eurocêntrico e ocidental, retratado como o único protótipo possível e

aceitável de família, neste cenário coagida pela ameaça de desregulação do sistema social que deseja preservar.

Essa peça exerce uma função social claramente persuasiva, cuja retórica sustenta-se no alerta sobre a existência de atores divergentes, que assumem atos delituosos à luz do dia, em praça pública, lugar circunscrito aos cidadãos de bem, em um esforço para intimidar os atores protagonistas da verdadeira família, aquela constituída por dois cônjuges e seus filhos, recusando os modelos diversos a nada mais do que disfunções ou desvios (DEVREUX, 2009). Utilizando-se do apelo ético-moral para alarmar os sujeitos leitores, o conteúdo do meme anuncia e denuncia o perigo iminente de que o referencial único de família possa deixar de figurar como um paradigma, contexto passível de submetê-lo à condição de minoria.

Construído para provocar um efeito informativo ao leitor, a multimodalidade demarcada pela verbalização linguística e imagética do meme anuncia a hostilidade, uma vez que seu conteúdo propõe uma narrativa de ação política baseada em uma experiência coletiva de resistência aos princípios democráticos, à medida que previne a sociedade acerca do risco de desmantelamento a que está exposta a família brasileira, dada a investida constante dos atores desviantes sobre de corrupção da moral e bons costumes. Essa pauta política restritiva considera a diversidade como um abuso e chama a atenção do leitor para a urgência em atentar-se às transformações sociais que trabalham insistentemente para trazer mudanças indesejadas e altamente prejudiciais para os defensores das boas práticas e doutrinas morais.

À medida que defende uma visão de arranjo familiar organicamente exclusiva, rígida e hierárquica, o conteúdo do meme consubstancia-se como uma experiência de leitura pública construída para clamar pela interrupção dos sujeitos sociais que perturbam uma autoritária lei natural, portanto a ordem social, estimulando uma agenda marcadamente negativa, animadora da reificação das identidades individuais e coletivas.

Além de abordar o tema família, o conteúdo do meme versa sobre a sexualidade alheia, pois volta-se à invalidação das condutas, relações ou práticas, na esfera sexual e/ou afetiva, não submetidas às “regras e normas que proíbem uma série de atos sexuais e prescrevem outros, e determinam as pessoas com as quais tais atos podem ou não e devem ou não ser praticados” (LHOMOND, 2009, p. 231). Esse discurso hegemônico pretende classificar e controlar os corpos que não cabem no padrão estipulado pela lógica colonial e patriarcal, pregando a sexualidade como um elemento que deve ser alvo de expurgo do outro, portanto alimentando a discriminação e a punição daqueles que não representam propriamente o padrão heteronormativo.

Tratando especificamente das figuras femininas, se por um lado o meme representa as mulheres homossexuais por estereótipos que visam a inferiorizá-las como pertencentes a um grupo de amargas e tresloucadas, “que adotam posturas coléricas diante dos homens e diante do mundo” (FERREIRA e VASCONCELOS, 2019, p. 58), por outro, o argumento textual remete à categoria mulher ideal, pressupondo-a a partir de um tipo de corpo específico, dentro de um padrão estético preciso e em conformidade com uma referência de comportamento e sexualidade igualmente específicos (MARTINS *et al.*, 2021).

## RESULTADOS

A discussão dos resultados ampara-se nos achados da análise de conteúdo, a partir dos critérios supracitados, cujos dados são relevantes para trazer luz às estratégias textuais mobilizadas na construção das retóricas antifeministas que repercutem nos ambientes virtuais como posicionamentos políticos autorizados, possibilitando uma leitura capaz de apreender as percepções do sujeito mulher feitas pelos antifeministas.

### *A conversação antifeminista em rede: um olhar analítico para o meme de discussão pública*

Conforme o esperado, a seleção do conteúdo temático do meme analisado manifesta um discurso de dominação da mulher, a partir da manutenção do imaginário social sobre a necessidade de refreamento da luta feminina pelo empoderamento, com o objetivo de abafar as vozes que denunciam as opressões masculinas, para fazer perdurar as violências impostas pelo sistema patriarcal. No que tange à natureza referencial do conteúdo do meme de discussão pública, o panorama analítico sugere que foi utilizada uma referência intertextual advinda do universo cultural e midiático como artifício para tonificar o discurso que expressa o posicionamento político do enunciador.

O vínculo entre a representação social das mulheres feministas e os atributos humorísticos acionados nos textos estabelece-se pela exposição da incongruência e/ou inadequação das existências, posturas e/ou reivindicações sustentadas pelas personagens mulheres em questão. Essa constatação sugere que uma das táticas comunicativas das quais o conservadorismo lança mão é a de caracterizar a perseguição pela igualdade de direitos proposta pela luta feminista como um projeto irracional, descabido e sem fundamentação. De acordo com o estimado, a narrativa representa uma experiência leitora baseada em mundividências restritivas, intolerantes e mesmo abusivas, que não contribuem para a expansão da consciência social, já que o conteúdo textual legitima o emudecimento das vozes femininas que resistem e denunciam as opressões sociais.

A base de dados permitiu captar, também, o lugar de destaque que essa tipologia de memes oferece ao humor irônico e subversivo, uma vez que a peça de discussão pública analisada manuseia a sátira para ridicularizar e depreciar os sujeitos femininos desviantes, não dispostos à submissão das suas identidades aos paradigmas mandatórios dos sistemas de condutas e representações afeitos à hegemonia do patriarcado. Nesse sentido, resguardadas pelo direito à liberdade de expressão, tal construção textual promove uma violência simbólica contra as mulheres que não se adaptam ao código de subalternidade e normatividade prescrito pelas forças dominantes, em uma tentativa de angariar uma audiência preconceituosa e/ou acrítica.

**Quadro 3.** Síntese da análise de conteúdo do meme de discussão pública

<b>Tema</b>	poder(es)
<b>Natureza referencial</b>	emprego de produto cultural popular
<b>Relação entre o humor e o conteúdo do texto</b>	comunica a incoerência da luta pelo empoderamento
<b>Experiência leitora provocada pela narrativa e agenda política</b>	reflete uma experiência leitora que impacta negativamente o debate público sobre as desigualdades sociais
<b>Efeito pretendido pelo meme</b>	teor satírico
<b>Estratégia</b>	ridicularizar as mulheres para tolher o empoderamento feminino

Fonte: Elaborado pela primeira autora.

*A construção argumentativa e o pânico moral: uma análise crítica do meme persuasivo*

O conteúdo temático tratado pelo meme em questão, família e sexualidade, diz respeito a tópicos que historicamente são um campo de lutas dos feminismos, o que parece reforçar a intenção do produtor/enunciador do meme em abordar, pelo viés moralista, alguns dos principais paradigmas sociais fundamentados na dominação masculina, em concordância com as expectativas da investigação.

Em relação à retórica do meme persuasivo, evidenciou-se a utilização estratégica dos princípios de cunho ético e do pânico moral para apelar contra o cenário de corrupção dos bons costumes proposto pelo feminismo, movimento que representaria uma ameaça à ordem social, por desafiar o modelo único de família, autorizar sexualidades divergentes, estimular o aborto e a masculinização da mulher.

O movimento analítico sugere que, diferentemente do meme de discussão pública, o de persuasão não aciona diretamente um teor cômico, mas relaciona o exercício dos feminismos retratados pelo conteúdo textual a um estado de espírito concebido pelo enunciador. A conexão entre essas variáveis estabelece-se no meme a partir da ideia de incongruência, visto que comunica a desarmonia social simbolizada, tanto pelas existências plurais, quanto pela incoerência dos propósitos do movimento feminista e pela inadequação das mulheres que não assentem à maternidade compulsória.

No que diz respeito às representações que a narrativa performa como experiência leitora, a análise sugere que o conteúdo do meme repercute posicionamentos políticos extremistas, autoritários e discriminatórios, que obstruem os caminhos para um debate público saudável e respeitoso sobre a diversidade e a pluralidade das identidades. O meme examinado censura os direitos individuais e se compromete com a perpetuação de uma ordem social patriarcal, heteronormativa, despótica e arbitrária. Os dados analisados iluminam a intenção do meme em inibir o pensamento crítico para preservar a institucionalização da dominação masculina.

No tocante aos efeitos sociais desempenhados pelo meme, os resultados mostraram que este objetiva servir como instrumento argumentativo fundamentado no senso-comum, para

alimentar o repertório do leitor não crítico, a partir de conteúdos intransigentes e extremistas, que abordam noções reduzidas dos papéis sociais de gênero, como se fossem verdades universais. Sob o pretexto de informar/esclarecer ao leitor os perigos iminentes que assombram os cidadãos de bem, mobilizam-se tais recursos textuais para colocar em funcionamento o macroprojeto de salvaguardar o *status quo* da dita “família tradicional brasileira”.

A exploração da peça de natureza persuasiva, apontou-a como uma comunicação estrategicamente produzida e disseminada para convencer a audiência sobre a legitimidade das ideologias defendidas pelo enunciador e, assim, angariar apoio à causa conservadora ou, ainda, de desacreditar pontos de vista diversos ou antagônicos, por meio da difamação.

#### Quadro 4. Síntese da análise de conteúdo do meme persuasivo

<b>Tema</b>	família e sexualidade
<b>Retórica</b>	apelo ético-moral
<b>Relação entre o teor espiritual e o conteúdo do texto</b>	comunica a inadequação social representada pelas existências divergentes
<b>Experiência leitora provocada pela narrativa e agenda política</b>	reflete uma experiência leitora pública negativa, voltada à negação de direitos e liberdades individuais
<b>Efeito pretendido pelo meme</b>	teor informativo/explicativo
<b>Estratégia</b>	argumentar sobre o perigo social de a família tradicional tornar-se uma minoria, para manter o sistema de dominação

Fonte: Elaborado pela primeira autora.

Diante disso, a discussão de resultados da análise de conteúdo dos textos selecionados ratifica a suposição da presente investigação, pautada no potencial dos memes replicados pela página “Antifeminista” para atuar como vetores de propostas pedagógicas de prática leitora no ciberespaço, direcionadas à finalidade político-social, em busca de explorar as práticas do ler para gerar consciência, atitudes, valores, cidadania e transformação social, por meio da desconstrução de estereótipos que visam a reproduzir um padrão de opressão para manter os mecanismos de dominação das mulheres.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que os usos sociais dos memes como estratégias de aproximação e recrutamento de combatentes para a causa do conservadorismo, contexto no qual essas ações comunicativas operam como narrativas reacionárias que agenciam a atenção do leitor, apresentam-se, em primeira instância, como veículos de entretenimento, entretanto um olhar mais apurado ao fenômeno traz luz ao funcionamento dos memes na qualidade de ferramentas de ativismo político na esfera pública, que tem como objetivo implementar um projeto político de poder



altamente hegemônico. Para tanto, são acionados discursos, cujo desígnio é repreender moral e socialmente as insurgentes que se esforçam para furar o bloqueio constituído pelas ações misóginas e sexistas, interessadas não apenas em frear os avanços direcionados à equidade de gêneros, mas em retrocedê-los.

A análise de conteúdo aponta que a replicação dos memes em questão encontra nos territórios virtuais espaços privilegiados de fala para a disseminação de discursos forjados, que instituem um debate normativo sobre como o mundo necessitaria ser e qual a maneira mais eficiente de conquistar este objetivo (SHIFMAN, 2014). Os memes constituem novas roupagens digitais para veicular os velhos discursos que povoam o cenário social, desde os tempos remotos. O patriarcado ampara, portanto, a crença da inferioridade das mulheres e a legitimação da violência contra elas, o que institui experiências leitoras virulentas, restritivas e preconceituosas, sob a prerrogativa da “brincadeira”, da “piada”. Sob esse viés, entende-se que, por meio de publicações tendenciosas, as forças patriarcais, que são dominantes e historicamente estabelecidas servem-se dessas configurações textuais, com a nítida incumbência de tratar dos assuntos considerados apropriados ao conveniente funcionamento das organizações políticas e ao “bem-estar social”.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Caroline; OLIVEIRA, Hélvio Frank de; MARTINS, StephanyPikhardt. Leitura e análise crítica de memes em aulas de língua portuguesa sob mediação decolonial. In: **Lingu@Nostr@** - Revista Virtual de Estudos de Gramática e Linguística. Vitória da Conquista, p. 160-180, jan-julho, 2020. Disponível em: <https://linguanostra.net/index.php/Linguanostra/article/view/163>. Acesso em 18 abr de 2022. Acesso em 02 de fev de 2022.

ANJOS, Júlia Cavalcanti Versiani dos. Discurso de ódio antifeminista em páginas do Facebook e as contranarrativas feministas. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress**, Florianópolis, SC, 2017. Disponível em: [http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499181095\\_arquivo\\_discursodeodioantifeministaempaginasdofacebookeascontranarrativasfeministas.pdf](http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499181095_arquivo_discursodeodioantifeministaempaginasdofacebookeascontranarrativasfeministas.pdf). Acesso em 01 de jul de 2022.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Pólen, 2019. 184 p.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC) 2017**. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/conhecaDisciplina?disciplina=AC\\_LIN&tipoE\\_n\\_sino=TE\\_EF](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/#/site/conhecaDisciplina?disciplina=AC_LIN&tipoE_n_sino=TE_EF). Acesso em 24 maio de 2021.



BRUNO, Adriana Rocha. **A aprendizagem do educador: estratégias para a construção de uma didática on-line.** Programa de Pós-graduação em Educação: Currículo. 2007. 352 p. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

BRUNO, Adriana Rocha; PESCE, Lucila. Mediação partilhada, dialogia digital e letramentos: contribuições para a docência na contemporaneidade. **Atos de Pesquisa em Educação**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 683-706, dez. 2012. ISSN 1809-0354. Disponível em: <<https://proxy.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/view/3461>>. Acesso em 18 mar de 2022.

CHAGAS, Viktor *et al.* A política dos memes e os memes da política: proposta metodológica de análise de conteúdo de memes dos debates eleitorais de 2014. **Intexto**, n. 38, p. 173–196, 2017. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/intexto/article/view/63892>>. Acesso em 22 jun de 2021.

CHAGAS, Viktor. Livro de Códigos Eleições 2018. **Journalcontribution**, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.6084/m9.figshare.7125407.v1>>. Acesso em 9 de mar de 2021.

CHAGAS, Viktor. Meu malvado favorito: os memes bolsonaristas de WhatsApp e os acontecimentos políticos no Brasil. **Revista Estudos Históricos**, 34(72), 2021. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/s2178-149420210109>>. Acesso em 20 jun de 2021.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez, 1998.

CONSUMOTECA. **In meme we trust.** GENTE GLOBO, 29 mai. 2019. Disponível em: <<https://gente.globo.com/meme-we-trust/>>. Acesso em 28 maio de 2022.

COSTA, Patricia Rosalba Salvador Moura *et al.* Violências contra as mulheres na pandemia da Covid-19: Uma análise de notícias, memes e vídeos. **RELIES: Revista del Laboratorio Iberoamericano para el Estudio Sociohistórico de las Sexualidades**, p. 143–168, 2021. Disponível em: <<https://www.upo.es/revistas/index.php/relies/article/view/5705>>. Acesso em 6 de jul de 2022.

DEVREUX, Anne-Marie. Família. In: HIRATA, Helena Françoise; LE DOARÉ, Laborie Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo.** Editora UNESP, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <[https://disciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod\\_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario crítico do feminismo%202009.pdf](https://disciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario%20crítico%20do%20feminismo%202009.pdf)>. Acesso em 31 de jun de 2022.

DEWEY, John. **Experiência e Educação.** Textos fundantes de Educação. SP: Companhia Editora Nacional, 1976.

DEWEY, John. **Como pensamos.** SP: Companhia Nacional. 4ª Ed.1959.

FERREIRA, Dina Maria Martins; VASCONCELOS, Marco Antônio Discurso de memes: (Des)memetizando ideologia antifeminista. **Bakhtiniana. Revista de Estudos do**

**Discurso**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. Port. 44–61 / Eng. 46, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/39504>. Acesso em: 21 nov. 2020.

FERREIRA, Mariana Lettieri; PESCE, Lucila. Memes na sala de aula de língua inglesa: vivências formativas em uma educação ciberativista. *Revista Teias. EDIÇÃO ESPECIAL: Educação ativista na cibercultura: experiências plurais*. v. 20, 2019. Disponível em: <https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revistateias/article/view/42779>>. Acesso em 30 de abr de 2021.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. 19. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

FREIRE, Paulo. Carta de Paulo Freire aos professores. *Estudos Avançados*, [S. l.], v. 15, n. 42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 41-57.

HIRATA, Helena *et al.* (Org.). *Dicionário Crítico do Feminismo*. São Paulo: Editora UNESP, 2009 (324 p.). **Caderno Espaço Feminino**, [S. l.], v. 24, n. 1, 2011. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/14225>>. Acesso em 29 jul de 2022.

KLEIMAN, Angela. **Letramento na contemporaneidade / Literacy in the Contemporary Scene**. Bakhtiniana, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/bak/a/ftQrQN9BZ7mpPkcVtmBRWHj/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 13 de maio 2021.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **New Literacies: Everyday Practices and classroom Learning**. 2nd edn. Maidenhead, UK: Open University Press, 2006.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2000.

LHOMOND, Brigitte. Sexualidade. In: HIRATA, Helena Françoise; LE DOARÉ, Laborie Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. Editora UNESP, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod\\_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario crítico do feminismo%202009.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario%20crítico%20do%20feminismo%202009.pdf)>. Acesso em 31 de jun de 2022.

MARTINS, Martha Julia *et al.* O discurso antifeminista em memes. **ANTARES. Letras e humanidades** v. 13, n. 30, maio/ago. 2021. Programa de Pós-graduação em Letras e Cultura, UCS, 2021. Disponível em: [https://redib.org/Record/oai\\_articulo3422822-o-discurso-antifeminista-em-memes](https://redib.org/Record/oai_articulo3422822-o-discurso-antifeminista-em-memes)>. Acesso em 15 de maio de 2022.

KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin. Online Memes, Affinities, and Cultural Production. In: **A New Literacies Sample**. KNOBEL, Michele; LANKSHEAR, Colin (Eds.). Nova York, NY: Peter Lang. Lessig, L., 2007.

PESCE, Lucila; ABREU, Claudia Barcelos de Moura. **Princípios da metodologia de pesquisa científica**. Material didático elaborado para o curso de Especialização em Prevenção ao uso indevido de drogas. UNIFESP –UAB, Mímeo, 2012.

POPOLIN, Guilherme. Intervenção militar já: os memes da internet e o imaginário da nova direita brasileira sobre a ditadura civil-militar. In: **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação** - 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Belém – PA: 2019.

POPOLIN, Guilherme. O meme de internet: o reforço de estereótipos sobre a população LGBTI+. In: DESIDÉRIO, Ricardo; COLUSSI, Vinícius; MAISTRO, Virgínia Yara de Andrade (Orgs.). In: **Sexualidades e Educação Sexual: práticas, pesquisas e inovações**. Londrina, PR: Edição dos autores, 2020. Disponível em: <<https://vcongressoedsexual.wixsite.com/vcongressoedsexual/e-book>>. Acesso em 13 de abr de 2021

RIOT-SARCEY, Michèle. Poder(es). In: HIRATA, Helena Françoise; LE DOARÉ, Laborie Hélène; SENOTIER, Danièle (Orgs.). **Dicionário crítico do feminismo**. Editora UNESP, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod\\_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario crítico do feminismo%202009.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4098403/mod_resource/content/1/Kergoat%20p.67-75%20in%20Dicionario%20crítico%20do%20feminismo%202009.pdf)>. Acesso em 19 de ago de 2022.

ROJO, Roxane; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola, 2012.

SABBATINI, Letícia. “Feminista nem é gente”: uma análise sobre o antifeminismo em grupos bolsonaristas no WhatsApp. In: **44º ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS**, Obstáculos à Igualdade de Gênero e Crise da Democracia, 2020. p. 1-20. Disponível em: <<https://doi.org/10.6084/m9.figshare.13503123.v1>>. Acesso em 6 de jul de 2021.

SANTOS, Gabriele da Silva; KUBO, Larissa Caroline. A perpetuação do antifeminismo no Facebook: análise e propostas de intervenção a partir das páginas *Moça, não sou obrigada a ser feminista* e *Diários de uma feminista*. In: ROMANCINI, Richard; GRECO, Clarice (Orgs.). **Entre memes, cosplays e fanfics o ensino de pesquisa em Comunicação**. Universidade de São Paulo (USP), 2018. Disponível em: <[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4578458/mod\\_resource/content/1/Entre\\_memes\\_e\\_cosplays.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4578458/mod_resource/content/1/Entre_memes_e_cosplays.pdf)>. Acesso em 01 jul de 2022.

SHIFMAN, Limor. Memes in a digital world: reconciling with a conceptual troublemaker. **Journal of Computer-Mediated Communication**, v. 18, p. 362-377, 2013. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>> Acesso em 30 de maio de 2020.



SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Massachusetts, MA: MIT Press, 2014.  
SOUZA, Juliana Mello. Feminina e não feminista: a construção mediática do backlash, do consumo e dos pós-feminismos. **Media & Jornalismo**, 17(30), 71-83, 2017. Disponível em: <[https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462\\_30\\_5](https://impactum-journals.uc.pt/mj/article/view/2183-5462_30_5)>. Acesso em 23 de jun de 2022.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons Atribuição Não Comercial-Compartilha Igual (CC BY-NC- 4.0), que permite uso, distribuição e reprodução para fins não comerciais, com a citação dos autores e da fonte original e sob a mesma licença.